

THALITA REBOUÇAS

FALTA
FÉRIAS.

amor!

ROCCO
JOVENS LEITORES



7 anos

Meu primeiro amor

Eu era apaixonada pelo Guilherme Almeida desde que eu tinha uns seis anos. Todo mundo sabia da minha paixão: minha mãe sabia, meu pai sabia, meus irmãos sabiam, meus avós sabiam, até a minha professora sabia. Menos ele. Ele estava naquela fase de chegar do recreio suado depois de correr em campo atrás de uma bola idiota e de olhar para as meninas como se elas fossem os seres mais repulsivos do planeta. Guilherme Almeida ignorava a minha presença, apesar dos meus olhares apaixonados e insinuantes.

Foi ele quem me ensinou a fazer o oito. Eu achei o máximo ele saber fazer o oito tão perfeitamente com seis anos de idade, em tão pouco tempo de aprendizado. Um número que eu achava difícil à beça. Eu fazia uma bolinha em cima da outra e ele já sabia fazer direitinho, com precisão cirúrgica. Que menino inteligente!, eu suspirava. E me ensinou com a maior paciência, pegou na minha mão para me ajudar a fazer as curvas do número, não se importou com meus erros infantis e não sossegou enquanto não viu meu 8 parecer um 8.

Acho que foi nesse dia que me apaixonei e decidi namorar com ele. Ele, claro, continuava não sabendo de nada. Só eu namorava com ele. Guilherme Almeida nem tchum pra mim.

O meu namoro solitário durou mais ou menos um ano. Numa manhã, depois do recreio, suado, vermelho, cabelo desgrenhado, camiseta suja e meio rasgada, arranhão no queixo, o charme em forma de criança, ele se aproximou de mim e disse:

– Acho que eu gosto de você, Malu.

Meu coração pequenininho quase pulou para a garganta.

– Eu também acho!

– Impossível! Eu descobri agora que acho que gosto de você, como você pode saber?

– Não, Guilherme! Eu acho que **eu** gosto de você também – menti. Se havia uma coisa de que eu tinha certeza absoluta, era de que o Guilherme Almeida era o homem da minha vida, meu príncipe encantado.

– Sério? Desde quando? – quis saber, cabreiro.

– Ah... desde... desde ontem – menti de novo, aprendendo na prática, aos sete anos de idade, a jogar o xadrez da conquista.

– Quer namorar? – ele perguntou, na lata.

Como seria bom se os meninos mais velhos fossem assim, tão diretos!

– Quero – respondi, com a felicidade estampada em meu sorriso banguela.

– Então me mostra.

Ô-ou... Mostra o quê, cara-pálida?, eu tive vontade de perguntar. Guilherme Almeida, daquela idade, era um menino que já pen-

sava indecências?, imaginei, com o pé atrás que toda mulher deve ter em começos de relacionamento, mesmo com apenas sete anos de existência.

– O que você quer que eu mostre?

– Seu pé.

– O quê?

– Anda, deixa eu ver seu pé, Malu.

Aquilo me pegou de surpresa. Guilherme Almeida tinha um brilho ansioso no olhar, uma curiosidade que beirava a esquisitice.

Eu sempre odiei meu pé. Magro, cheio de veias, quase chato, dedos compridos, calos por todos os lados.

– Pra quê?

– Porque eu quero ver, ué. Mostra? – pediu, como se precisasse do meu pé para viver.

– Por quê?

– Porque eu gosto de pé.

Puxa vida. Eu estava ferrada. Ele era um menino que gostava de pés, mas eu odiava meus pés. Morria de vergonha deles!

– O meu pé não tem nada de mais...

– Mas eu quero ver mesmo assim... Tira o tênis.

Putz! Pra tirar o tênis vou ter que tirar a meia e Guilherme Almeida vai sentir meu chulé. Chulé de pé suado depois de brincar no recreio!, gelei. Meu quase namoro estava por um fio. Droga! E eu era tão apaixonada por ele... Não queria que acabasse daquele jeito.

Não tive outra alternativa. Tirei o tênis, depois a meia, dei uma abanada no pé para tentar disfarçar o chulé e mostrei pra ele.

Thalita Rebouças

– É horrível, eu sei... – entristeci-me, já antevendo o primeiro pé na bunda que levaria na vida.

Ele olhou, olhou, olhou... Abriu um sorrisinho lindo e disse:

– É nada horrível. É lindo – elogiou, visivelmente encantado.

Feliz da vida, descobri que Guilherme Almeida estava realmente apaixonado por mim. E entendi finalmente o significado da frase “a paixão é cega”.

Namoramos alguns meses, sem um beijinho sequer, apenas olhares apaixonados e mãozinhas dadas no recreio.

Guilherme Almeida, o primeiro amor da minha vida, gostou sinceramente de mim. Mas amou de verdade, mesmo, o meu pé.